

Certificações e Incertezas

Jorge Amado e suas memórias

Maria Alice Rezende de Carvalho*

A mais recente edição brasileira de **Navegação de cabotagem**,¹ livro de memórias de Jorge Amado publicado originalmente em 1992, contém uma extraordinária seleção de fotografias do autor, produzidas em diferentes datas e situações. Uma delas —a única, na seleção, com esse predicado— corresponde exatamente ao momento em que aquele livro era elaborado e merece, por isso, um comentário, pois não apenas descortina aspectos do seu processo de produção, como também concorre para tornar persuasivo o argumento deste ensaio.

Na foto em questão, o autor está sentado à sua mesa de trabalho, tendo atrás de si uma parede em que foram colados pequenos pedaços de papel de igual tamanho, contendo ementas, textos breves, retalhos da história que será narrada. Sobre a mesa repousam a máquina de escrever, uma taça de vinho, laudas espalhadas e algo como uma bolsa, ou uma pasta, próxima ao dorso de Jorge Amado. Ele parece não se dar conta de que está sendo fotografado e gesticula para um interlocutor oculto, situado do outro lado da mesa, além do corte da foto. O enquadramento é conhecido demais para que não se mencione o efeito que dele se espera. Utilizado pela primeira vez por Diego Velázquez, tal enquadramento é o que se encontra na tela intitulada “Las meninas”, de 1656, na qual os olhos dos personagens retratados miram alguém ou alguma coisa fora do espaço pictórico, produzindo o efeito de transformar sucessivas gerações de espectadores em participantes da Corte espanhola. Ao ser fotografado em posição análoga à da Infanta Margarida, isto é, olhando do centro da cena para alguém posto além do limite do quadro, Jorge Amado parece convidar seus leitores para uma conversa pessoal, um contato mais próximo, conduzido em seu escritório.

Bem observada, a fotografia que ilustra o processo de elaboração das memórias de Jorge Amado se divide em dois principais espaços. A parte superior da foto é dominada pelo princípio de simetria, expresso na repetição dos recortes de papel afixados em toda a parede, até o teto; é fragmentada e clara. A parte de baixo contém Jorge Amado e sua mesa de trabalho, a qual se estende até a margem inferior da foto e preenche organicamente a distância que separa o autor do suposto interlocutor; é cerrada e escura. Há, pois, na composição, dois ritmos, duas tonalidades, dois movimentos antagônicos: o que aponta para baixo, para o comércio de Jorge Amado com seu público, e o que aponta para cima, para o conjunto de registros dispostos como verdadeiras gavetas na oficina de um artesão. E a tensão que esse antagonismo impõe à cena, impedindo que o olhar do espectador se fixe em qualquer dos espaços, serve à hipótese de que o núcleo contraditório da sensibilidade de Jorge Amado reside exatamente nessa dinâmica entre popularidade e maestria.

A popularidade de Jorge Amado se mede pelos milhões de livros vendidos em 48 idiomas e dialetos;² pelos prêmios nacionais e internacionais que recebeu; por seus títulos honoríficos, medalhas e diplomas; pela proeza de ter sido eleito deputado federal pelo Estado de São Paulo, participar, nessa condição, da Assembleia Constituinte de 1946 e, décadas mais tarde, ser convidado por Afonso Arinos a integrar a Comissão Provisória de Estudos Constitucionais para elaboração do anteprojeto da Constituição de 1988;³ pelas várias adaptações de alguns de

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC, Rio)

1 Jorge Amado, **Navegação de cabotagem. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei**, São Paulo, Companhia das Letras, [1992] 2012, 508 pp. ilustr.; posfácio de Ledo Ivo.

2 A intensidade do êxito de Jorge Amado é objeto de controvérsia, pois é conhecido o prestígio político do autor junto à estrutura do PCUS, atribuindo-se a isso o sucesso de seus livros durante a guerra fria. Sobre o tema, ver Marcelo Ridenti, “Jorge Amado e seus camaradas no círculo comunista internacional”, **Sociologia & Antropologia**, vol. 1, n° 2, pp.165-194.

3 A Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, presidida por Afonso Arinos de Melo Franco, foi composta por um grupo de 50 intelectuais e encarregada de elaborar o Anteprojeto Constitucional para a Constituição brasileira de 1988. A Comissão foi

seus romances para cinema, teatro, rádio, televisão e histórias em quadrinhos no Brasil e em Portugal, França, Alemanha, Suécia, Argentina, Polônia, Itália e Estados Unidos; e, principalmente, por ser lembrado, lido e reeditado ininterruptamente até hoje.

Assim, ao encarar sua obra da perspectiva da *recepção* —esse valor extraliterário—, Jorge Amado se sentia um “obá”, como escreveu certa vez, “um velho sábio da sabedoria do povo”.⁴ Orgulhoso da sua popularidade, Jorge Amado, contudo, terá sido assaltado por permanente incerteza quanto à sua estimativa no campo literário. Não se tratava de uma insegurança *ad hoc*, referida a esse ou àquele trabalho, a essa ou àquela vivência pública que pudesse perturbar sua posição no ambiente institucionalizado da literatura. É certo que, durante algum tempo, a militância comunista de Jorge Amado tornou o seu fazer literário subsidiário de outras atividades, o que, somado à publicação de livros que o próprio autor se recusou a reeditar, como **O mundo da paz** (1951), não favoreceu seu reconhecimento nas instituições dominantes no campo. Mas é interessante perceber que, mesmo após a publicação de **Gabriela, cravo e canela** (1958), romance que rendeu a Jorge Amado a certificação de méritos literários que até então lhe eram negados,⁵ e ainda após o seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, em sessão na qual foi aclamado por seus pares, que se puseram de pé para recebê-lo, as incertezas do autor quanto à posição por ele ocupada no sistema literário permaneceram.

Em Jorge Amado, o desequilíbrio íntimo entre popularidade e reconhecimento se manifestou de algumas formas —a principal delas, a insistente negação da literatura como atividade autônoma, ajuizada por crítica especializada. Quando jovem, sua rejeição ao modernismo literário de São Paulo se escorara na ideia de que aquele era um movimento “apenas” estético, sem vínculo forte com a sociedade e sem preocupação social ou política.⁶ E, ao longo dos anos, quanto mais sua popularidade se estendia, mais Jorge Amado se punha em posição de recuo no campo literário, esquivando-se pretensamente da crítica pela constante negação do seu pertencimento àquele universo.

Em duas ocasiões, Jorge Amado explicitou esse recuo —no início dos anos de 1960, no discurso que proferiu na solenidade de posse na Academia Brasileira de Letras,⁷ e em fins da década de 1980, quando começou a elaborar o **Navegação de cabotagem**, livro concebido como parte dos festejos pelo seu octogésimo aniversário. Ambos são, pois, textos rituais, bastante refletidos, que contêm aquilo que Jorge Amado pretendia tornar público. E há neles, em comum, uma inesperada autolimitação, na medida em que, adulado, nas duas oportunidades, pelo público e pela crítica, Jorge Amado não se apresentou como um *criador* literário, definindo-se, antes, como um *tradutor* das angústias do povo. Essa autolimitação foi ora denunciada como apelo populista,⁸ ora valorizada como astúcia do escritor que se esconde literariamente. Aqui, no entanto, será tomada como gesto deliberado de renúncia ou resistência ao campo da literatura.

Na verdade, a recusa de Jorge Amado em se assumir literato foi o fio condutor que elegeu para imprimirmos continuidade na sua produção intelectual, dos vinte aos oitenta anos de idade —para ele, sua obra era inteiriça e se media por valores não exatamente artísticos, mas sim artesanais. Alternativamente à imaginação, portanto, Jorge Amado dizia apreciar a honestidade, a regularidade do trabalho, o método. Nos anos de 1930 afirmara:

convocada pelo Presidente José Sarney por meio do Decreto nº 91.450, de 18 de julho de 1985, e concluiu seus trabalhos em 18 de setembro de 1986. Porém, o Anteprojeto Afonso Arinos, como ficou conhecido, não foi enviado pelo Presidente Sarney à Assembleia Nacional Constituinte, que preferiu redigir o texto constitucional a partir de propostas apresentadas por suas próprias comissões e subcomissões.

4 Jorge Amado, *op. cit.*, p. 12.

5 Evidência dessa mudança foi a frequência com que Jorge Amado foi alçado a rodapés literários assinados por Henrique Pongetti, Brito Broca, Sérgio Milliet, Wilson Martins, Miécio Tati e Tristão de Athaide, cujos textos vieram a integrar coletâneas comemorativas dos 30 e 40 anos de atividade profissional de Jorge Amado, organizadas pela Livraria Martins Editora (1961 e 1972). Também as publicações sobre Jorge Amado se multiplicaram nesse período (Miécio Tati, **Jorge Amado, vida e obra**, Belo Horizonte, Itatiaia, 1961), bem como sua indicação para premiações. Segundo Almeida até a publicação de **Gabriela, cravo e canela**, Jorge Amado havia recebido uma única distinção literária no Brasil — o Prêmio Graça Aranha, em 1936. Após Gabriela..., foram-lhe concedidos, em um único ano (1959), quatro prêmios, inclusive o Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro. Em 1961, na sequência de seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, Jorge Amado foi agraciado com o título de Personalidade Literária do Ano e recebeu o Prêmio Jabuti, instituído pela Câmara Brasileira do Livro; Alfredo Wagner Berno de Almeida, **Jorge Amado: política e literatura**, Rio de Janeiro, Campus, 1979, p. 246.

6 Luiz Gustavo Freitas Rossi, **As cores da revolução. A literatura de Jorge Amado nos anos 30**, São Paulo, Annablume; Fapesp; Unicamp, 2009, p. 38.

7 Em abril de 1961, Jorge Amado foi eleito o quinto ocupante da Cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, cujo patrono é José de Alencar. Foi recepcionado pelo Acadêmico Raimundo Magalhães Júnior, no dia 17 de julho de 1961.

8 Walnice Nogueira Galvão, **Saco de gatos**, São Paulo, Duas Cidades, 1976.

“Para um sujeito como eu, que não tem nenhuma imaginação, o romance tem que ser tirado da vida real”.⁹ E, seis décadas mais tarde, resumiu sua atividade: “Ao escrever um romance realizo trabalho artesanal...”.¹⁰

O tema do artesanato pressupõe, como se sabe, a ideia de imitação, de mimese, algo pouco afeito à espontaneidade ou autonomia do autor, valorizando, antes, sua experiência, o curso de um processo repetitivo de aprendizagem ao longo do qual o artesão forma um hábito, logo transformado em método passível de reaplicação e de transmissão a aprendizes. Maestria, portanto, é uma competência específica, apolínea, associada à técnica e à utilidade, não se confundindo com o sentido dionísio da imaginação e da expressão. Assim, nos anos 60, ao definir sua obra como artesanal, Jorge Amado rejeitava, explicitamente, a crítica que saudou o romance **Gabriela, cravo e canela** como uma inflexão em seu projeto literário, “uma revolta da inteligência criadora contra normas estranhas à literatura”.¹¹ Em entrevista concedida a Bráulio Pedrosa e publicada no Suplemento Literário de **O Estado de São Paulo** (29/04/1961), Jorge Amado respondeu não ver no percurso de sua obra qualquer transformação de monta. Notava, ao contrário, uma unidade, que reproduzia, segundo ele, a coerência que imprimira à sua vida. Enfim, para Jorge Amado, **Gabriela...** exibiu o mesmo método com que concebeu todos os demais romances que escrevera, inclusive o aparentemente contrastante **Subterrâneos da liberdade**.

Nesse sentido, enquanto a república das letras valorizava o caráter propriamente artístico e não militante de **Gabriela...**, Jorge Amado se dizia fiel às “posições” que sempre defendera. A afirmação, proferida no início dos anos de 1960, continha um caráter propositalmente ambíguo, pois, naquele contexto, em se tratando de autor comunista, defender suas posições era algo que extrapolava o campo literário. De fato, para os comunistas organizados no Partido Comunista Brasileiro (PCB), aquele foi um tempo de pronunciamentos e revisões. A denúncia dos crimes de Stalin, em 1956, pôs em questão as concepções dogmáticas do socialismo, conferindo aos PCs maior autonomia em relação ao PCUS, sobretudo no que se referia ao debate sobre as diferentes vias da revolução socialista. No Brasil, porém, tal debate não conhecerá maiores desdobramentos,¹² como atesta a Declaração de Março de 1958, documento em que o PCB, embora se refira à democracia como caminho processual da revolução brasileira, se mantém aferrado ao dogmatismo leninista-stalinista, expresso na ênfase conferida à luta anti-imperialista.

O fato é que, entre os pecebistas, a questão democrática acabou atropelada pela ênfase no tema nacional —o que fez do marxismo uma ideologia modernizadora, e, dos comunistas, ativos participantes da luta pela intervenção do Estado em setores estratégicos da economia.¹³ Nesse quadro, é impossível dissociar o romance **Gabriela...** do jogo de mediações políticas que tinha curso naquele momento e no qual Jorge Amado desempenhou papel saliente. Por isso, seu sucesso não pode ser debitado exclusivamente às instâncias de avaliação literária, pois fez parte dos rituais de aproximação e de construção de alianças entre nacionalistas, nacional-desenvolvimentistas e comunistas. Ilustra essa afirmação o fato de Ernani Amaral Peixoto, Ministro da Viação e Obras Públicas durante os dois últimos anos do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), fazer menção à **Gabriela** em seus discursos, solicitando retoricamente a Jorge Amado que comunicasse à jovem a assinatura do decreto de reequipamento e modernização das instalações portuárias de Ilhéus.¹⁴

Jorge Amado é, pois, no início dos anos 60, um comunista identificado socialmente como “intelectual engajado” ou “comprometido” —como se dizia de literatos com voz e presença no espaço público—,¹⁵ um mediador entre instituições, grupos, princípios, cuja popularidade também se nutria dessa condição. Após a publicação de **Gabriela, cravo e canela**, sua presença em festas e no colunismo social dos principais jornais do país tendeu a aplacar preconceitos anticomunistas e, muito provavelmente, inclinou as instâncias de avaliação literária a seu favor.¹⁶ Tal constatação nada diz acerca da qualidade de seu projeto literário e de sua intervenção política,

9 Amado apud Rossi, *op. cit.*, p. 42

10 Jorge Amado, *op. cit.*, p. 201.

11 Livraria Martins Editora, **Jorge Amado: 30 anos de literatura**, São Paulo, 1961, apud Almeida, *op. cit.*, p. 247.

12 A crise do PCUS abriu intensa luta interna no PCB, resultando no rompimento de muitos comunistas com o partido. Entre os que o fizeram, não foi incomum a publicação de memórias em que justificavam suas posições (Oswaldo Peralva, **O retrato**, Belo Horizonte, Itatiaia, 1960). Contudo, do ponto de vista da elaboração política, a crise não ensejou avanços. Jorge Amado, que, nos últimos meses de 1956, havia se posicionado favoravelmente à autocrítica comunista e à democratização do PCB, não deixará o partido por aquela época e, décadas mais tarde, quando escrever suas memórias, não fará do evento um tópico relevante.

13 Maria Alice Rezende de Carvalho, “Breve história do ‘comunismo democrático’ brasileiro”, em Jorge Ferreira y Daniel Aarão Reis (orgs.), **As Esquerdas no Brasil**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v. 3, pp. 261-281.

14 Almeida, *op. cit.*, p. 259.

15 Russell Jacoby, **Os últimos intelectuais**, São Paulo, Trajetória/Edusp, 1990.

16 Jorge Amado, *op. cit.*, p. 75; Almeida, *op. cit.*, p. 260.

embora críticos de ambos os campos tenham visto em **Gabriela, cravo e canela** um duplo aperfeiçoamento:¹⁷ como romance, perdera o esquematismo; e, como representação da revolução brasileira, substituíra o partido operário, a ortodoxia stalinista, pela agência modernizadora de Mundinho Falcão, personagem concebido como um atualizador das formas de mando dos coronéis do cacau.

O aspecto, então, a destacar diz respeito à autoconstrução de Jorge Amado, iniciada nos anos de 1960. Naquele contexto, ingressando na Academia Brasileira de Letras, desenhou suas memórias tendo como marco fundador a Academia dos Rebeldes¹⁸ e a crítica que ali se fazia à literatura modernista. Tal passado pôde ser convocado e reafirmado em 1960 porque o país conhecia um novo ciclo de radicalização, em que a política se tornara mais uma vez —a exemplo do que Jorge Amado vivera quando jovem— o eixo da cultura e da vida intelectual.¹⁹ Se, na década de 1930, se acercara do romance proletário,²⁰ três décadas mais tarde Jorge Amado dirá ter variado os temas, mas permanecido fiel ao seu método de ‘documentação’ e tradução da vida brasileira. Em suma, nos anos de 1960, Jorge Amado se constrói em litígio com a imaginação literária, com os valores da literatura e principalmente com as instituições do campo, embora tenha sido muito respeitoso e cumpridor das obrigações prescritas por elas. Assim, durante os dois ciclos ditatoriais —o de Getúlio Vargas e o dos militares—, não terá tido dificuldades em salientara obrigatoriedade de nexos entre literatura e política. E, por isso, até a década de 1970, dizer-se um artesão pouco imaginoso e leal às suas convicções originárias foi o que lhe rendeu a devoção de um público urbano emergente, crescentemente politizado, mas não necessariamente cultivado do ponto de vista literário.

Jorge Amado jamais se sentiu pertencer plenamente ao mundo da literatura, que, aliás, associava a salões elegantes onde lhe exigiam assomos de inteligência.²¹ Inscrevera em seu *habitus* a ligeireza do jornalista, fortemente temperada pela energia e a rusticidade do coronelato do cacau, de que provinha.²² Aos 15 anos de idade, se empregara como repórter policial no **Diário da Bahia** e pouco tempo depois, aos 17 anos, já trabalhava profissionalmente em **O Jornal**. Nenhum pendor literário notável quando jovem —é o que dele diz Gilberto Amado, um dos “primos por parte de pai” que o acolheu no Rio de Janeiro em 1930, e que, diante dos primeiros sucessos editoriais de Jorge Amado, dirá ter ficado surpreso, pois sempre atribuíra as inclinações literárias dele próprio à família desua mãe.²³

Ainda na cidade de Salvador, Jorge Amado, Edson Carneiro, Oswaldo Dias da Costa, entre outros “rebeldes”, se moviam em torno de um jornalista de prestígio local, o mordaz Pinheiro Viegas, que, por sua vez, quando no Rio de Janeiro, desfilava com Lima Barreto —o repórter das sobras sociais da **Capital da República**, o tradutor dos vencidos. Foi esse mundo moral e profissional que alimentou Jorge Amado nos anos 20, momento em que surgia uma geração de jornalistas que considerava erudição e cultura literária atributos de bacharéis, de quem pretendia se diferenciar. Jovens repórteres, interessados na institucionalização da sua atividade, lutavam ferozmente contra os intelectuais de *Cafés*, valorizando uma linguagem mais emotiva e menos ilustrada, já ensaiada em alguns jornais comerciais do centro-sul do país.²⁴ Da reportagem a uma *quase-ciência* do social foram passos dados por Jorge Amado²⁵ e outros jornalistas, como o próprio Lima Barreto ou João do Rio, com consequências visíveis na literatura que produziram.

O fato é que Jorge Amado, quando embarcou para o Rio de Janeiro para estudar Direito, já havia exercido profissionalmente o jornalismo; havia sido socializado em um ofício que mobilizava o trabalho especializado de gráficos, ilustradores e revisores, mantendo, ademais, uma forte relação com a rua, de onde colhia suas histórias, e não com os livros. Adquirira, enfim, o gosto por uma atividade dinâmica, que lhe oferecia chances de obter dinheiro, prestígio e algum sentido de corporação, de pertencimento, cujo modelo extraíra das redações de jornais. Recém-chegado à Capital Federal, sua insistência em buscar um grupo de referência que o acolhesse —o que o

17 Maurício Vinhas, “Gabriela e os coronéis do cacau”, in **Estudos Sociais**, n° 3/4, 1958.

18 Academia dos Rebeldes foi o nome dado a um grupo de jovens da cidade de Salvador, com idades entre 15 e 28 anos, que aspiravam projeção intelectual e literária no âmbito de um movimento de renovação dos modelos estéticos em voga. Foi criada em fins da década de 1920 e teve breve duração (Luiz Gustavo Freitas Rossi, **Edison Carneiro. O intelectual feiticeiro**, Tese de Doutorado em Antropologia, Unicamp, 2011).

19 Antonio Cândido, “Literatura e cultura no Brasil, de 1900 a 1945”, em *Literatura e sociedade*, São Paulo, Publifolha, 2000.

20 Rossi, 2009, *op. cit.*

21 Jorge Amado, *op. cit.*, p. 250.

22 *Ibidem*, p. 78.

23 Gilberto Amado, **Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa**, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1956.

24 Maria Alice Rezende de Carvalho, **Irineu Marinho, imprensa e cidade**, Rio de Janeiro, Editora Globo Livros, 2012.

25 Luiz Gustavo Freitas Rossi, *op. cit.*, pp.28-30.

fez oscilar, em curto espaço de tempo, entre católicos e comunistas— sugere que sua ideologia profissional não privilegiava o exercício solitário do autor, mas, antes, uma atividade coletiva, o tipo de organização que pautara sua passagem pelo jornalismo e que será transferida, pouco tempo mais tarde, à militância política.

Tal reflexão é importante porque as reconstruções analíticas de Jorge Amado tendem a desconsiderar sua atividade jornalística, acreditando que, por muito breves, suas experiências naquele campo não produziram consequências. Mas ele próprio, quando convocado a pensar sobre si, atribuiu sua popularidade ao fato de reproduzir a realidade social tal como um repórter, revelando a acumulação, em adulto, de pequenos traços do *habitus* do “rebelde”: sua indisposição para com intelectuais universais, a quem chamava de “elitistas da cultura”;²⁶ sua ironia em relação à nobilitação simbólica de autores de romances; a valorização da dimensão técnico-profissional da atividade de escritores; sua simpatia, enfim, por figuras habituais da crônica policial: os pobres em geral, trabalhadores ou marginais. Escrever sem se tornar um literato exigia um princípio corretor que, uma vez afrouxados seus vínculos com o jornalismo, Jorge Amado buscará na política. Até os anos de 1970, foi essa a toada da sua autoanálise, tornada pública no memorial que preparou para a solenidade de ingresso na Academia Brasileira de Letras.

Mas a década de 1980 terá sido para Jorge Amado o contexto de uma crise biográfica. Crescera e engordara demais para que pudesse manter disposições compatíveis com as do repórter que fora um dia; tornara-se, afinal, um grão-baiano. A casa do Rio Vermelho era, então, o centro gravitacional da política e das artes, da religião, turismo e vida social da Bahia, lugar onde a comida selava relações e contratos;²⁷ onde políticos iam buscar apoio para suas campanhas eleitorais, onde alguns artistas tinham suas obras emalcadas nos diferentes segmentos do restrito mercado das artes. As ruas de Salvador haviam ficado, enfim, mais distantes; e os “rebeldes” eram frequentemente recordados como jovens pasquineiros, um tanto ignorantes.²⁸

O Brasil, por outro lado, também mudara. E em duas dimensões essenciais à biografia de Jorge Amado. A primeira mudança consistiu na institucionalização das profissões intelectuais a partir da década de 1980, o que significou, na prática, a especialização universitária dos “tradutores” da vida social e a desautorização —ou, pelo menos, a desvalorização— da escrita literária ou ensaística de notação análoga. A segunda mudança, contudo, tal vez tenha tido ainda maior relevância para Jorge Amado, pois incidiu sobre a política —domínio sabidamente estratégico no agenciamento de suas memórias. Trata-se, resumidamente, da substituição das elites estatistas, que haviam dirigido a modernização brasileira desde sempre, por atores enraizados na indústria de capital privado, isto é, no mundo dos interesses, amplamente consolidado sob o regime militar. O sindicalismo do ABC²⁹ ilustra essa passagem, assim como o vasto movimento de opinião que levou segmentos da esquerda acadêmica e do liberalismo histórico de São Paulo a se unirem a ele na construção do Partido dos Trabalhadores. O campo político-partidário foi, portanto, redefinido naquela década de abertura democrática e tensionado, à esquerda, por disputas protagonizadas pelo PT e agremiações de orientação marxista. Jorge Amado, que já não se dizia membro do PCB, registrou, contudo, sua perda de espaço em um campo que tradicionalmente lhe era favorável. E o livro **Navegação de cabotagem**, que então preparava, contém pesadas críticas ao novo partido e à forma como se apresentou nas eleições presidenciais de 1989, desconhecendo o “povo brasileiro” e se dirigindo “com alarmante sectarismo” à classe operária.³⁰

O fato é que Jorge Amado terá pressentido o esgotamento da perspectiva nacional-popular e do tipo de inscrição que ele próprio conhecera na cultura brasileira. Mas, somava quase oitenta anos de idade e, mesmo que desejasse, não poderia revisar sua biografia. Renegar o que defendera até então, chamar para si valores exclusivamente literários, rejeitar o eixo mimese-memória em que se assentavam tanto sua popularidade, quanto a versão que oferecera dela, significava desincorporar sua mística, abrir mão de sua segunda natureza e, muito provavelmente, desestabilizar a relação mantida com seu público. Daí o retraimento que transparece no subtítulo —**Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei**—, expressão do impasse a que fora levado tanto pelas mudanças estruturais em curso, quanto pela confirmação de sua identidade em um contexto totalmente diverso. Novamente, portanto, em sintonia com os anos de 1960, se dirá um artesão, alguém que escreve sem almejar o

26 Jorge Amado, *op. cit.*, p. 90.

27 *Ibidem*, p. 174.

28 *Ibidem*, pp. 193 e 205.

29 O movimento sindical dos trabalhadores metalúrgicos da Região Metropolitana de São Paulo, que compreende, entre outros municípios, os de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano (ABC paulista), foi bastante aguerrido entre o final da década de 70 e o início dos anos 80, tendo se tornado conhecido como “sindicalismo de resultados”. A greve deflagrada em 1979 terá sido um dos fatores responsáveis pela aceleração da transição política.

30 Jorge Amado, *op. cit.*, pp. 21-22.



lugar simbólico a que é alçado o literato-romancista. Suas memórias, nesse sentido, por tão fiéis ao que já dissera, não precisariam, de fato, ser escritas. Mas, em 1992, o aniversário de Jorge Amado é comemorado em grande estilo, com o lançamento de um livro de memórias contendo centenas de páginas.

Semelhantes na sua orientação geral, os textos de 1960 e 1980 são bastante —porém discretamente— diversos. Assim, por exemplo, diferente do memorial redigido em 1960, em que as experiências são expostas cronologicamente, desde a juventude, na Academia dos Rebeldes, à sua consagração, na Academia Brasileira de Letras, as memórias de 1980 são ordenadas segundo lugares. Jorge Amado, que sempre afirmou o valor da sua coerência, a fidelidade às suas opções, deixando em segundo plano a ideia de crescimento, de aperfeiçoamento pessoal, tão característica do memorialismo clássico, elegerá como princípio organizador da sua narrativa não o tempo, e sim o espaço. Em **Navegação de cabotagem...** são principalmente as cidades, e não as etapas da vida, que marcam as disposições do autor: cidades quentes, cidades frias, as que se situam atrás da “cortina de ferro”, as que estão debruçadas sobre o Pacífico, as que são, para ele, apenas um aeroporto, as que embalaram suas crianças. É recorrendo a elas que Jorge Amado organiza tematicamente sua trajetória e constitui um acervo de experiências cujo acesso é facultado por determinados quadros urbanos.

Moscou, Wrocław, Budapeste, Dobris, Praga, Belgrado expõem, primeiro, seu trabalho como intelectual devotado à causa internacionalista da paz, e, em seguida, seu arrefecimento ideológico, sua crise política; Paris é sempre sinônimo de encontros com intelectuais de projeção internacional, inclusive os brasileiros estacionados ali; Lisboa, Évora, Viana do Castelo, mas também Luanda e Cabo Verde são lugares de uma sociabilidade conhecida, aproximável a da Bahia; Rio de Janeiro é o *grand monde* periférico, o colonismo social, a relação entre vida intelectual e mundanismo; e, como esses quadros, alguns outros. O importante, porém, é que o vasto conjunto de eventos políticos e culturais do pós-guerra, aquilo que conformou a história cultural do século 20, é narrado a partir de uma longa viagem, de uma peregrinação a cidades. Não se trata, pois, de descrevê-las na sua singularidade, mas a partir da relação que mantêm entre si, pois, juntas, conformam uma espécie de teatro da memória.

A segunda inovação que Jorge Amado confere à autoanálise produzida nos anos de 1980 consiste em desvestir a política de seus traços mais antipáticos, fazendo dela, alternativamente, um espaço de encontro entre pessoas cujas respectivas obras e *habitus* são afins. Nesse sentido, mesmo os partidos comunistas a que teve acesso —agências burocráticas e impessoais controladas pelo PCUS— são apresentados no livro como propiciadores de relevantes experiências afetivas e humanas. Essa novidade se deve, talvez, à contribuição de Zélia Gattai na produção de um “memorialismo conjugal”, isto é, de uma organização do passado acordada entre eles. Nas décadas de 1980 e de 1990, Zélia produziu cerca de cinco livros sobre a trajetória do casal e, neles, a política, evidentemente, assume papel destacado. Mas o dogmatismo e o sectarismo presentes no seu cotidiano, inclusive os de Jorge Amado,³¹ são suprimidos e substituídos por ingrediente mais doces, como a fraternidade, por exemplo, que Zélia dizia observar entre os comunistas que conheceu. Esse traço terá migrado de seus textos e se aninhado nas memórias que Jorge Amado também escrevia, algumas vezes com redação muito semelhante.

Mas é a casa do Rio Vermelho, na cidade de Salvador, que, em ambos os casos, coroa a trajetória do casal e dissolve a política em um caldeirão de afetos —embora continuem ali todas as disputas, as intrigas, o jogo de vaidades, o combate, enfim, que marcou a vida de Jorge Amado. Ao partido sucede, pois, a Corte, um *locus* em que a política é ritualizada em festas e certames, tornando-se mais compatível com o universo literário. Não é casual o fato de que aquele endereço tenha sido não somente objeto de um livro específico de Zélia Gattai, como também o título de um documentário sobre Jorge Amado, concebido e filmado pelo escritor brasileiro Fernando Sabino. Por fim, a terceira diferença entre as memórias de 1960 e as de 1980 é a que confirma as anteriores: na casa do Rio Vermelho se fixam todos os artefatos, quadros, objetos, que sublinham uma arquitetura rememorativa. Aquele teatro da memória é, portanto, o ápice de uma viagem que envolveu muitos anos, diferentes personagens e cidades. Ali, o comando cabe a uma mulher, Zélia Gattai, que é também quem redefine a política e, nessa dimensão, a própria imagem do autor. Zélia, que sequer é mencionada no memorial de 1960, se habilita à coautoria das memórias de Jorge Amado, em 1980. Assim, sem que ele renegue suas “posições” ou desdiga qualquer afirmação que tenha proferido acerca de si mesmo, **Navegação de cabotagem** é, mais do que a sua memória, o seu relançamento, em versão ajustada aos novos tempos democráticos.

31 Pablo Neruda, **Confesso que vivi: memórias**, Rio de Janeiro, Difel, 1977.

Referencias Bibliográficas

- Amado, Gilberto, **Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa**, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1956.
- Amado, Jorge, **Navegação de cabotagem. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei**, São Paulo, Companhia das Letras, [1992] 2012.
- Almeida, Alfredo Wagner Berno de, **Jorge Amado: política e literatura**, Rio de Janeiro, Campus, 1979.
- Cândido, Antonio, "Literatura e cultura no Brasil, de 1900 a 1945", in **Literatura e sociedade**, São Paulo, Publifolha, 2000.
- Carvalho, Maria Alice Rezende de, **Irineu Marinho, imprensa e cidade**, Rio de Janeiro, Editora Globo Livros, 2012.
- , "Breve história do 'comunismo democrático' brasileiro", in Jorge Ferreira y Daniel Aarão Reis (org.), **As Esquerdas no Brasil**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v. 3, 2007.
- Galvão, Walnice Nogueira, **Saco de gatos**, São Paulo, Duas Cidades, 1976.
- Jacoby, Russell, **Os últimos intelectuais**, São Paulo, Trajetória/Edusp, 1990.
- Livraria Martins Editora, **Jorge Amado: 30 anos de literatura**, São Paulo, 1961.
- , **Jorge Amado: 40 anos de literatura**, São Paulo, 1972.
- Neruda, Pablo, **Confesso que vivi: memórias**, Rio de Janeiro, Difel, 1977
- Peralva, Oswaldo, **O retrato**, Belo Horizonte, Itatiaia, 1960.
- Ridenti, Marcelo, "Jorge Amado e seus camaradas no círculo comunista internacional", in **Sociologia & Antropologia**, Vol. 1, nº 2, 2011.
- Rossi, Luiz Gustavo Freitas, **As cores da revolução. A literatura de Jorge Amado nos anos 30**, São Paulo, Annablume; Fapesp; Unicamp, 2009.
- Carvalho, Maria Alice Rezende de, **Irineu Marinho, imprensa e cidade**, Rio de Janeiro, Editora Globo Livros, 2012.
- , **Edison Carneiro. O intelectual feiticeiro**, Tese de Doutorado em Antropologia, Unicamp, 2011.
- Táti, Miécio, **Jorge Amado, vida e obra**, Belo Horizonte, Itatiaia, 1961.
- Vinhas, Maurício, "Gabriela e os coronéis do cacau", in **Estudos Sociais**, nº 3/4, 1958.